

# História

## do

# Clube Fluvial Portuense

Foi em 1946 — já lá vão 30 anos!... — que, Fernando Armelino Machado e Moisés Santos, muito jovens ainda, tomaram a iniciativa de publicar um pequeno livro, muito simples, despretensioso, sobre o seu, sobre o nosso Clube. Nessa singela publicação apresentaram alguns fragmentos da vida, da história desta colectividade que tão maravilhosa existência contém. Maravilhosa, sim, na verdadeira acepção, porquanto, os problemas de ordem material que, porventura, tenha sofrido, ou sofra ainda, não podem, de modo algum, ser misturados — é o termo! — com tanto e tanto mesmo, praticado, construído, enaltecido e indiscutivelmente vivido, a favor do Desporto, mas do Desporto puro, deste encantador País, deste nosso encantador Portugal.

Agora, no Centenário do nosso querido Clube, do nosso querido Fluvial, os elementos, mais pormenorizadamente apurados, por esse grande fluvialista que foi — e é ainda! — Fernando Machado serviram para que, Moisés Santos, responsável por esta publicação, apresentasse, sem desvio dos registos, a «História do Clube Fluvial Portuense».

### ASSIM COMEÇOU:

Eram muitos os ingleses que residiam na cidade do Porto, no século passado. Eram muitos, sim! E desportistas! Tão desportistas, que até conseguiam com a sua assiduidade na prática desportiva, despertar a atenção dos Portuenses que, até então, pouco ou nada se interessavam pelo desporto. E o Remo, então, era a modalidade favorita dos ingleses que realizavam regatas entre o areal de Avintes e a Quinta das Pedras Salgadas, um pouco acima do Areinho.

O «apetite» que os ingleses originaram nos Portuenses, veio a resultar na primeira regata, entre estes, efectuada a 20 de Julho de 1875, na «pista» utilizada pelos britânicos e com a concorrência de 9 escaleres: «Diana», «Elegante», «Tamisa», «Nelson», «Douro», «Guadiana», «Diu», «Gladiador» e «Mariposa».

Mas um imprevisto aconteceu: o escaler «Diana» voltou-se e os 5 tripulantes foram salvos pelos próprios adversários, que «já não pensaram mais na corrida».

Cerca de um ano depois, mais exactamente, a 25 de Maio de 1876 realizou-se nova regata. Já houve um vencedor — foi o «Tamisa». Em segundo lugar ficou o «Douro» a meio barco.

E foi precisamente esta regata que deu origem ao Fluvial!

Havia um Café, na Rua Cimo do Muro da Ribeira, chamado «Santo Amaro». Pois foi lá que, David José de Pinho, proprietário do escaler «Tamisa», mais o dono do Café, José Pereira Santo Amaro e outros entusiastas das regatas, fundaram um Clube que, provisoriamente, teria a sua sede numa sala do 1.º andar do prédio n.º 60 da Rua do Cimo do Muro da Ribeira e «nasceria» por resultado de uma Assembleia Geral iniciada a 3 de Novembro de 1876 para discussão do projecto dos estatutos e, que, após suspensão pelo adiantado da hora, foi reiniciada no dia seguinte, dia em que por escrutínio secreto, foi eleita a primeira gerência do Clube Fluvial Portuense fundado a 4 de Novembro de 1876:

*Assembleia Geral:* Presidente, Dr. Francisco Paula da Silveira Pinto; Vice-Presidente, Alfredo Augusto Castro e Silva; 1.º Secretário, Augusto Martins da Cunha; 2.º Secretário, Alberto Queiroz.

*Direcção:* Presidente Augusto Pereira Barbedo Júnior; Vice-Presidente, José Francisco Pereira Figueiredo; 1.º Secretário, José Ascensão de Sousa Oliveira; 2.º Secretário, Manuel Pereira da Costa Basto; Tesoureiro, José Pereira de Santo Amaro; Vogais, José António Mendes; Amândio Marques Pinto; João dos Santos; Manuel Joaquim Gomes da Luz; José Joaquim Pereira; José de Oliveira.

E, nesta data do 1.º Centenário do Clube Fluvial Portuense, prestamos homenagem aos seus fundadores, com o simples mas muito sentido registo dos seus nomes:

Alberto Queiroz, Albino Pereira da Cunha, Alfredo Augusto Albuquerque de Castro, Alfredo dos Santos Andrade, Amândio Marques Pinto, António de Almeida Lucas, António Joaquim Soares Gonçalves,

António José Monteiro, António José da Silva, António Pinto das Neves, António Ribeiro Basto, António Rodrigues Araújo, Artur Gonçalves, Augusto Martins da Cunha, Augusto Pereira Barbedo Júnior, Bento José Ribeiro, David José de Pinho, Eduardo Queiroz, Felisberto Martins, Francisco de Paula da Silveira Pinto, Guilherme dos Santos Andrade, Horácio Ferreira Martins, Horácio de Oliveira, João dos Santos, João de Sousa Oliveira, João Menino dos Santos, Joaquim Gonçalves Faria Guimarães, José Alves da Silva Cruz, José António de Almeida Lucas, José António Mendes Guimarães Júnior, José António Mendes, José António Monteiro, José António Xavier, José Henrique de Sousa Oliveira, José Francisco Pereira Figueiredo, José Joaquim Monteiro, José Joaquim Pereira, José Leite Ferreira Guimarães, José Luís Gomes de Sá, José Maria Rodrigues, José Pereira de Santo Amaro, José Pinto de Magalhães, José Vasques de Lemos, Juliano António Pereira, Júlio Queiroz, Luís de Sousa Oliveira, Manuel António Ribeiro, Manuel Joaquim Gomes da Cruz, Manuel Pereira da Costa Basto, Manuel dos Santos Vitorino, Nicolau de Magalhães e Paulo José Faria Rodrigues.

Prestada esta simples homenagem aos que figuram como Fundadores do Clube Fluvial Portuense, desejamos registar uma outra: esta, agora, aos atletas que venceram, para o Fluvial, a sua primeira regata — em Setembro de 1877 — abrindo assim o que havia de ser um extraordinário historial de vitórias!... Como vencedor, o Fluvial saúda os vencedores!

A tripulação que teve essa honrosa oportunidade e cujos nomes ficarão para sempre gravados, era constituída por: José Vasques de Lemos, Manuel Silvano e António Mendes (timoneiro).

Na primeira reunião da Direcção foram registados 60 sócios e durante o ano de 1877 foram aprovados mais 188 o que perfazia no final da gerência 248 associados.

#### E O TEMPO FOI DECORRENDO...

Em 1878, a Direcção passa a ter como presidente, José Pereira de Santo Amaro e durante a sua gerência foram aprovados 16 novos sócios e eliminados mais de 100, sendo uns por falecimento e outros por falta de pagamento das cotas.

Foram adquiridos 3 escaleres de 2 remos e 1 patrão (hoje timoneiro) tendo custado cada um deles 67\$192.

O Fluvial que viria a ser possuidor da maior flotilha do País, tinha nessa data — 1878 — apenas os escaleres Nereida, Valonia, Zepiro (os 3 a que acima nos referimos) Maria Cristina e Neiva.

Os primeiros sócios Honorários foram Duvens Duarte de Almeida e Manuel Duarte de Almeida «pelos valiosíssimos benefícios dispensados ao Clube».

Em 1879, passou a presidente da Direcção, José Ascensão de Sousa Oliveira.

Em Janeiro, Gongalo B. de Menezes, proprietário da Quinta das Pedras Salgadas foi nomeado Sócio Honorário «pela boa vontade sempre demonstrada na amável cedência da sua esplêndida quinta para se realizarem as tradicionais reuniões da família fluvialista».

No final da gerência verificava-se que o número de sócios tinha diminuído: Dos 248 de 1877, dos 106 de 1878 passava a ter apenas 91.

Surge 1880. Neste ano, o chefe da banda do Regimento de Infantaria n.º 10, fervoroso adepto do Fluvial, criou o «Hino do Fluvial», cuja letra publicamos noutra página.

Neste ano de 1880 a gerência passou a ter a presidência de Augusto Martins da Cunha. Em Assembleia Geral deste ano — 1880 — foram nomeados Sócios Honorários, Alexandre Alberto Serpa Pinto, Hermenegildo Brito Capelo e Roberto Ivens, bravos exploradores portugueses, como homenagem do Fluvial aos seus gloriosos feitos da História de Portugal, nas sertanejas terras de África.

Outra modalidade começa a aparecer — a Vela. E em 29 de Agosto de 1880 o associado António de Sousa Gomes recebe um lindo tinteiro de prata como prémio da sua vitória.

Também um artístico tinteiro de prata foi oferecido à Direcção do Fluvial pelo sócio Serafim Luís de Lima «como galardão dos serviços prestados pelo seu 1.º Secretário, David José de Pinho».

Em 1880, o número de associados subira imenso. Dos 91 de 1879 passou para 171, no final de 1880.

Em 8 de Setembro um acontecimento interessante se regista — a apresentação em público da Banda Marcial do Clube Fluvial Portuense.

Augusto Martins da Cunha mantém a presidência da Direcção em 1881.

Em 18 de Setembro deste ano deslocou-se à Baía de Cascais uma tripulação do Fluvial para competir com barcos de Lisboa entre os quais o escaler Vega, de Sua Majestade El Rei D. Luiz I que venceu a regata tendo o Fluvial ficado em 2.º lugar.

Os remadores fluvialistas ficaram hospedados no Hotel Francfort onde receberam os exploradores portugueses Roberto Ivens e Brito Capelo, tendo seguido para o local da Regata a bordo do vapor Caçador.

Foi em 1881 que se inaugurou o gabinete de leitura, acontecimento que pelo seu significado cultural originou uma sessão solene de alto nível.

Falaram sobre o acto: Dr. Francisco de Paula da Silveira Pinto que «discursou largamente e com a proficiência que lhe era peculiar»; José Pereira de Santo Amaro que «dissertou sobre a utilidade do Clube e do seu novo gabinete, fazendo entrega da chave do mesmo ao presidente da Direcção»; José

Ascensão de Sousa Oliveira que «em frases esmaltadas e em estilo brilhante proferiu um magnífico discurso»; David José de Pinho pronunciou uma brilhante alocução» e Manuel Pereira da Costa Basto que se referiu «à acção do Fluvial».

No dia da inauguração, a Biblioteca do Fluvial compunha-se de 588 volumes, sendo 285 romances, 101 de história e geografia, 44 de ciências, 32 de poesia e 52 de obras diversas. Possuía também 74 obras repetidas que viriam a ser trocadas por outras.

#### TÍTULO REAL

«Após as regatas realizadas em Cascais, efectuou-se um baile na Cidadela de homenagem às tripulações concorrentes às referidas regatas.

Sua Majestade El Rei D. Luiz I, que presidia ao referido baile, não obstante a grande concorrência que se aglomerava nos salões, não tinha esquecido os rapazes do Porto, ou seja os do Fluvial e verificou que os mesmos não estavam presentes.

Sua Majestade quis saber o motivo de tão estranha ausência e foi dito que não tinham sido convidados.

Em face desta falta, Sua Majestade procurou remediar tão lamentável lapso e, no dia seguinte mandou um dos seus ajudantes de campo, procurar, no Hotel, o presidente da Assembleia Geral.

Este dirigente em presença de Sua Majestade, ouviu as desculpas que lhe foram apresentadas e foi informado que o Fluvial iria ser distinguido com o título de Real.

Desta decisão de Sua Majestade a seguir se transcreve a Carta que oficializou a promessa Real.

#### «Carta de Mercê Régia

*Dom Luiz* por graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves, faço saber aos que esta Minha Carta virem que Attendendo ao que Me representou o *Club Fluvial Portuense*; e Querendo Dar-lhe um público testemunho da consideração e apreço em que Tenho o mesmo Club, pelos úteis fins da sua instituição; Hei por bem e Me Praz conceder-lhe, d'ora em diante intitular-se *Real Club Fluvial Portuense*. Pelo que ordeno às Autoridades e mais pessoas a quem conhecimento d'esta mesma Carta pertencer, que indo assignada por Mim e referendada pelo Ministro e Secretário d'Estado dos Negócios do Reino a cumpram e guardem, como n'ella se contem, depois de autenticada com o selo das Armas Reaes, o de Verba, e com a nota do registo nos livros das Repartições competentes. Não pague direitos de mercê por não os dever em vista do despacho do Ministério dos Negócios da Fazenda de vinte e dois de Novembro corrente.

Dada no Paço da Ajuda em vinte e três de Novembro de mil oitocentos e oitenta e um».

*El Rei Luiz»*

O Fluvial por Assembleia Geral efectuada a 4 de Dezembro nomeou Sua Majestade Presidente Honorário do Real Club Fluvial Portuense.

Quanto a embarcações, o Fluvial adquiriu duas «guigas» a Inglaterra e adquiriu também dois escaleres sendo aquelas baptizadas com os nomes de Serpa Pinto e José Anchieta e estes Brito Capelo e Roberto Ivens.

No final da Gerência o número de associados era de 240.

#### E O TEMPO CONTINUA DECORRENDO...

Surge 1882 com David José de Pinho na presidência da Direcção e Dr. Francisco de Paula Albano da Silva Pinto ainda como presidente da Assembleia Geral.

Neste ano é alugado o armazém da Avenida Diogo Leite, em Gaia.

A Biblioteca passa a registar 1 056 volumes.

O número de associados sobe para 262.

Em 1883, Augusto Martins da Cunha toma a presidência.

Neste ano Sua Majestade D. Luiz I ofereceu à Biblioteca, três traduções de sua autoria das obras inglesas Shakespeareanas «Hamlet», «Mercador de Veneza» e «Ricardo III», com dedicatórias por seu punho.

A partir de 13 de Junho e por alvará do Governo Civil do Porto assinado pelo então governador Delfim Martins Cerqueira, foram aprovados os novos estatutos do Fluvial ficando a usar o título de Real.

A 9 de Julho de 1883 o Fluvial fez-se representar no cortejo cívico realizado para comemorar a entrada na cidade do Porto do exército libertador.

No final da gerência existiam 262 associados.

\*

Os anos foram-se sucedendo: 1884 surge e José de Barros Freire é o presidente. Durante o ano são eliminados mais sócios do que os admitidos e o saldo fica em 244.

Em 1885, sob a presidência do Dr. Francisco de Paula Silveira Pinto, agora na Direcção, o número de sócios sobe para 298.

Em 1886, é Manuel Joaquim Gomes da Luz quem preside. O número de sócios desce para 233. O Príncipe D. Carlos consorcia-se e o Fluvial manda o seguinte telegrama a Sua Majestade El Rei D. Luiz:

«O Real Club Fluvial Portuense, em reunião extraordinária de Assembleia Geral,

unanimemente resolveu felicitar seu Augusto Presidente Honorário pelo feliz consórcio de Sua Alteza, o Senhor Príncipe D. Carlos.

*José Luiz Gomes de Sá*  
*Presidente da Assembleia Geral*

Sua Majestade agradeceu por telegrama em 25 de Maio.

Em 1889 faleceu Sua Majestade El Rei D. Luiz I e o Fluvial em telegrama assinado pelo então seu presidente da Direcção, David José de Pinho, dirigiu os seus pêsames a Sua Majestade El Rei D. Carlos:

«Em nome do Real Club Fluvial Portuense em extremo penalizado pela irreparável perda do seu ex-Presidente Honorário, Sua Majestade El Rei D. Luiz I, envio res-



Aqui foi montada a nova sede com distracções, como bilhar, jogos de vaza permitidos por Lei e... até um pequeno restaurante

O ano de 1887 tem o mesmo presidente e regista 249 sócios.

Em 1888, foi adquirido o «pic-nic», Silveira Pinto. A 8 de Julho foi alugado o 2.º andar do prédio da Travessa S. João, n.º 13, por 130.000 anuais. Meses depois foi alugada parte do 1.º andar por 30.000 réis

Foram gastos na montagem total, 637.920 réis.

peitosamente a Vossa Majestade e a toda a Família Real os protestos do seu mais profundo sentimento.»

Por intermédio do Conde de Semana (C. V. N. Cerveira) Sua Majestade agradeceu o telegrama.

Em 1890, com David José de Pinho ainda na presidência foi aprovado em Assembleia Geral o Regulamento da distribuição

das flâmulas a arvorar nas embarcações que conduzissem os membros da Assembleia Geral, Direcção e Associados:

- Presidente da Assembleia Geral — Flâmula azul
- Presidente da Direcção — Flâmula azul e branca
- Secretário da Assembleia Geral — Verde
- Secretário da Direcção — Vermelha e branca
- Tesoureiro — Azul e amarela
- Inspector — Verde e branca
- Sócios efectivos — Branca com estrela azul
- Sócios beneméritos — Azul com estrela branca
- Sócios honorários — Vermelha e branca com estrela dourada

1891, decorre ainda com David José de Pinho. 1892 tem José de Barros Freire na Direcção, e este ano termina com 217 sócios.

Em 1893, David José de Pinho volta à presidência da Direcção e são adquiridos mais dois «pic-nics» (Brito Capelo e Serpa Pinto).

Foram oferecidos à Biblioteca mais 469 volumes, totalizando assim 1.525 obras.

#### MONUMENTO DO INFANTE D. HENRIQUE

Ao Fluvial foi dada a honra, naquele ano de 1893, de, no cortejo fluvial que conduzia a pedra fundamental do monumento a erigir ao Infante D. Henrique, ocupar o primeiro lugar após a caravela que levava a histórica pedra.

Toda a flotilha do Clube esteve presente, tripulada pelos elementos da direcção, sócios honorários, beneméritos e efectivos.

Efectuado o desembarque, todos os tripulantes envergando vistosas fardas, conforme o regulamento interno do Clube, levando à frente o estandarte, formaram alas, constituindo-se o cortejo que acompanhou a pedra vinda de Sagres até à Praça do Infante, onde foi efectuado o seu assentamento com a assistência de Suas Majestades Reais. Durante os três dias de festa, o Fluvial conservou a sua sede embandeirada, sendo a fachada do edifício, nas três noites, vistosamente iluminada a gás».

#### MAIS ANOS FORAM PASSANDO...

É ainda David José de Pinho que preside em 1894 e 1895. O número de sócios baixa de 253 em 1894 para 187 em 1895.

Em 1896, é José Soares Brandão que preside. Neste ano do 4.º centenário da partida de Vasco da Gama para o descobrimento da Índia, o Fluvial fez parte da comissão organizadora das regatas comemorativas. O ano terminou com 215 sócios. Há, porém, um documento muito importante a registar na

referência ao ano de 1896, sobre uma homenagem prestada pelo Fluvial à Marinha Portuguesa.

«Encerrada em artística pasta forrada a veludo e ostentando nas capas as armas reais em prata, o Conselho do Almirantado enviou ao Fluvial a seguinte mensagem, como agradecimento da homenagem prestada à Marinha Portuguesa pelo nosso Clube.

Ex.<sup>mo</sup> Senhor  
Presidente da Direcção do Real Club  
Portuense

A Marinha Portuguesa acaba de receber uma das mais valiosas honras e uma das melhores recompensas aos seus esforços, nunca desmentidos, e à sua dedicação sempre provada, para manter o prestígio do nome português e a honra da bandeira nacional.

A mensagem do *Real Club Fluvial Portuense* entregue no dia 2 do corrente, a bordo da corveta *Sagres*, ao seu comandante capitão-de-fragata Carlos Cândido dos Reis, dirigida a este Conselho do Almirantado; e que aquele oficial acaba de depor em suas mãos, por intermédio do capitão-tenente Sebastião Maria Pinto Garcez, da guarnição da mesma corveta que para tal fim veio expressamente a Lisboa, há-de encontrar-se sempre gravada no coração de todos os marinheiros da Armada Real Portuguesa e será um dos maiores incentivos para prosseguirem no caminho do dever, que sempre tem talhado, nem outro conhecem.

É certo que algumas vezes lhes tem sido penoso e muito difícil conservar esse caminho, não porque lhes tivesse falecido alguma vez o ânimo, mas por lhes faltar o auxílio de um poderoso material naval.

A patriótica manifestação, feita no Rio Douro, à Marinha de Guerra, por iniciativa do *Real Club Fluvial Portuense*, forneceu ensejo para que a Muito Nobre e Invicta Cidade do Porto afirmasse mais uma vez, espontaneamente e no maior dos entusiasmos, os seus sentimentos de verdadeiro patriotismo, e por tal forma o fez, que todos são unânimes em dizer que o cortejo fluvial do dia 2, foi, entre todos os festejos patrióticos com que o Porto saudou as nossas recentes vitórias em África, o mais entusiástico e o mais grandioso.

Por isso, o Conselho do Almirantado, em nome da Armada Real, agradece com o maior reconhecimento e a mais sincera gratidão, a todas as corporações militares e civis e a todos os habitantes da Cidade do Porto, em geral, as manifestações de verdadeira estima e subida consideração de que foi alvo; e ao *Real Club Fluvial Portuense*, em especial, a sua iniciativa e a sua mensagem.

Terminando, o Conselho do Almirantado levanta um viva a Sua Majestade El Rei, como Chefe Supremo da Marinha, e outro

à Cidade do Porto e ao *Real Club Fluvial Portuense* como intérpretes fiéis dos sentimentos do marinheiro português.

Sala do Conselho do Almirantado, 8 de Fevereiro de 1896.

*José Baptista Andrade*  
Almirante

*Manuel Joaquim Ferreira Marques*  
Vice-Almirante

*Guilherme Augusto Brito Capelo*  
Capitão-de-Mar-e-Guerra

### E A MARCHA DO TEMPO CONTINUA...

Em 1897, Abel Martins Pinto preside à Direcção enquanto o Dr. Francisco de Paula Ângelo da Silveira Pinto continua na presidência da Assembleia Geral.

O Fluvial adquire um «pic-nic» que vem a ter o nome de «Cândido dos Reis», comandante da corveta Sagres.

O Fluvial regista 290 sócios.

Alcino Ferreira da Cunha preside à Direcção em 1898.

Por convite da Real Associação dos Bombeiros Voluntários do Porto, o Fluvial fez-se representar na marcha luminosa organizada em honra do Major Mouzinho de Albuquerque, exibindo um característico carro alegórico à Marinha que provocou grande entusiasmo entre os milhares de assistentes.

O número de sócios baixa para 253.

Em 1899, David José de Pinho volta à presidência da Direcção. Neste ano morre o sócio honorário Alexandre Alberto Serpa Pinto. O número de sócios manteve-se — 253.

Surge 1900 e é António José de Figueiredo que assume a presidência. O número de sócios passa para 269.

Em 1901, António José de Figueiredo continua na presidência. São adquiridos dois barcos «Runner» («Ave» e «Diu») e o ano termina com 281 sócios.

O ano de 1902 tem Manuel Damásio de Sousa Oliveira na presidência e verifica-se grande descida de sócios — passa para 203.

António José de Figueiredo, volta, em 1903, à presidência, ano que termina com 210 sócios.

Em 1904 e 1905, é José Maria de Araújo que preside e o número de sócios passa para 196.

Vale a pena transcrevermos o relato da ida do Fluvial a Vila do Conde neste ano de 1906.

### O CLUB FLUVIAL VILACONDENSE CONVIDA O FLUVIAL

«No dia 2 de Setembro o Fluvial foi recebido em Vila do Conde com a maior fidalguia e avultada consideração. Os seus representantes percorreram as ruas da vila notan-

do-se nas janelas enfeites diversos e colgaduras. As damas vilacondenses acenavam com os seus lenços aos rapazes do Fluvial, lenços finos de cambraia e das suas meigas e alvas mãos desprendiam-se como sorrisos de aurora, como pérolas divinas, flores acatinadas, que se espalhavam pelo ar como bandos de pombas brancas ou como um enxame de borboletas multicores.

Quadro de maravilha que estonteou os rapazes fluvialistas da Invicta».

O ano finda com 252 sócios.

### E O FLUVIAL CONTINUA A VIVER NO TEMPO...

Os anos de 1907, 1908, 1909, 1910, 1911, 1912 e 1913 têm a presidência da Direcção entregue a Manuel Augusto da Costa Júnior.

O número sócios flutua imenso. Vejamos, seguindo aqueles anos: 206, 163, 100, 81, 89, 258 e 290.

Durante aqueles anos, os factos mais históricos foram os seguintes:

Em 1908, Sua Majestade El Rei D. Manuel II foi nomeado Presidente Honorário do Clube, o que motivou o seguinte documento dirigido ao presidente da Direcção:

«Em resposta ao officio de V. Ex.<sup>a</sup> datado de 16 do corrente mês tenho o prazer de informar que Sua Majestade El Rei, a quem o dito officio foi presente, acede da melhor vontade a ser Presidente Honorário do Real Club Fluvial Portuense. Sua Majestade na sua próxima visita ao Porto receberá com o maior prazer o diploma de Presidente Honorário a que V. Ex.<sup>a</sup> se refere.

Paço das Necessidades, 20 de Outubro de 1908

*Marquês de Lavradio*»

Em 3 de Dezembro a Direcção do Fluvial foi recebida no Palácio das Carrancas por Sua Majestade, a quem fez entrega do respectivo diploma de Presidente Honorário depois de um discurso que transcrevemos em parte:

«Senhor — O *Real Club Fluvial Portuense* sem querer fatigar de modo algum a fidalga atenção de Vossa Majestade, na rude lhaneza da sua sinceridade, o indelével testemunho da sua gratidão pela distinta honra que lhe dispensou, aceitando a Sua Presidência Honorária e pede licença para depor nas régias mãos de Vossa Majestade, com os protestos da sua respeitosa simpatia e da sua mais levantada consideração, o diploma em que aquele facto se constata.

Porto, 3 de Dezembro de 1908».

Em Agosto de 1908 realizaram-se regatas para disputa de taças oferecidas por Sua Majestade El Rei D. Manuel II e pelo Clube Fluvial Portuense.

Em assembleia geral extraordinária de 29 de Abril de 1911 realizou-se a fusão do Club União Portuense com o Fluvial, em que o primeiro *entrava* com um piano e outros valores e com cerca de 40 sócios, e o segundo comprometia-se a aumentar ao seu título, as palavras Instrução e Recreio e a criar um curso de dança a funcionar aos Domingos, na sede.

No decorrer de 1914, com António Fernandes Baptista a presidir, processa-se a mudança das cores do Clube «devido à mudança do regime do País».

E de azul e branca passou para verde e branca pois que, segundo associado no uso da palavra, em assembleia geral sobre o assunto, «o verde representava a Pátria e o branco a Paz em que nós todos devemos viver dentro do nosso Clube».

No fim do ano registavam-se 302 sócios.

Em 1915, José de Sousa Oliveira, preside, cria-se uma Comissão de Festas e o ano finda com 323 sócios.

José de Sousa Magalhães é o presidente em 1916, ano em que são criadas as Comissão Técnica e de Contas.

Foi aprovado o Regulamento Interno sendo o Capítulo XXIII destinado a fardamentos.

Neste ano de 1916 realizou-se a 1.<sup>a</sup> Travessia do Porto a nado, participando os atletas Floriano Rosas, António José da Fonseca, Ferreira de Almeida, Álvaro do Nascimento, Artur de Oliveira Valença, Braga de Almeida e Augusto Reimão que foi o vencedor em 1 hora e 10 segundos.

No fim do ano registavam-se 248 sócios.

Em 1917, Manuel Augusto da Costa Júnior regressa à presidência. O número de sócios baixa para 146.

A luz eléctrica foi instalada na Sede em 1918, ano em que presidia José de Sousa Magalhães e foi recheada (na época) de provas desportivas. Havia 201 associados.

Durante 1919, 1920, 1921 e 1922, foi Manuel Augusto da Costa Júnior, o presidente e o número de sócios foi, respectivamente, o seguinte: 259, 324, 440 e 591.

Quanto a acontecimentos de maior registo:

Em 1919, introduziu-se no Fluvial a prática do Boxe dirigida por Tavares Crespo e também a de Luta e de Pesos e Halteres.

Em 1920 faleceu o sócio n.º 1, José Pereira de Santo Amaro.

Os associados Juventino Barbosa e Álvaro do Nascimento ofereceram ao Clube o escalor «Porto».

Nos campeonatos de Boxe realizados em 1922, Albano Campos fica campeão nacional de levíssimos.

Novo presidente em 1923, Tércio Fernandes da Silva Miranda. A fotografia do

sócio Armando Ivo Guerreiro é descerrada no Salão Nobre.

O número de sócios é de 676.

Ainda em 1923, ao Clube Fluvial Portuense é conferida a *Cruz Vermelha de Dedição*.

Em 1924, Manuel Augusto da Costa Júnior é mais uma vez presidente e o Clube passa a ter 602 sócios.

Artur de Oliveira Valença assume a presidência em 1925 e mantém-se em 1926. Durante a sua gerência de 1925 verificou-se: a aprovação dos estatutos da Sociedade de Tiro de Guerra que funcionou anexa ao Fluvial e com aprovação oficial do Ministro da Guerra; o início da prática do Basquetebol por proposta de António Henriques Cardoso, organizando o primeiro torneio inter-clubes, com uma taça oferecida por aquele sócio; o maior número, até então, de eliminação de sócios, 366, ficando o clube com 308. Na gerência de 1926, registou-se: a nomeação do Grupo dos Modestos como Sócio Honorário; 308 sócios; a Junta de Freguesia de S. Nicolau dirige um ofício ao Ministro da Instrução Pública pedindo para que «propõe a concessão ao patriótico Clube Fluvial Portuense, da mercê de ser condecorado com as insígnias de uma Ordem que lhe perpetue os gloriosos serviços»; efectua-se as comemorações do 50.<sup>o</sup> aniversário do Clube que constam de distribuição de prémios, missa por alma dos fundadores, distribuição de esmolas aos pobres de S. Nicolau, baile de gala, romagem aos cemitérios e deposição de flores e um banquete no Palácio de Cristal.

Em 1927, David José de Pinho continua ininterruptamente desde 1913 como presidente da Assembleia Geral e António José da Fonseca toma a presidência da Direcção.

Pela primeira vez se realiza a travessia do Porto a remos. São adquiridos dois «skiifs» ao Clube Inglês. Na Praia do Aurélio é colocada uma barraca para os sócios do Fluvial.

A Federação Portuguesa de Basquetebol instalou a sua secretaria numa das salas da sede do Fluvial.

Em 1928 é Manuel Ribeiro da Silva que preside. O Fluvial tem 317 sócios. Realizam-se imensas competições: Remo, Basquetebol, Bilhar, Ping-Pong e Natação.

Neste ano de 1928 é levantado um castigo que em 1921 a Federação Portuguesa de Remo tinha aplicado ao Fluvial, levantamento esse por efeito de uma exposição que terminava assim:

«...No Norte do País o desporto do Remo decaiu, entrou na agonia e finalmente morre, se lhe faltar a alma que sempre lhe soube consagrar o glorioso Clube Fluvial Portuense».

De novo Artur de Oliveira Valença é o presidente em 1929, lugar que mantém em 1930, 1931, 1932 e 1933, sendo o número de sócios, respectivamente, 350, 388, 606, 584 e 535.

Em 1929 realizou-se a semana automobilística da Foz tendo o Fluvial participado no cortejo com um carro alegórico. Numa parada desportiva realizada no Campo do Lima o Presidente da República, General Óscar Carmona impôs na bandeira do Fluvial a comenda da Ordem Militar de Cristo. As insígnias foram oferecidas por Artur de Oliveira Valença.

Em 20 de Agosto de 1929 o Fluvial prestou nova homenagem à Marinha de Guerra Portuguesa pela infausta explosão que se verificou a bordo do navio Guadiana, surto no Douro.

Em 1931, o Clube Fluvial Portuense passa a ser considerado de utilidade pública com publicação no Diário do Governo de sexta-feira, 2 de Janeiro de 1931, n.º 1 — II Série, com assinatura de António Óscar de Fragoso Carmona, António de Oliveira Salazar e Gustavo Cordeiro Ramos sob proposta dos Ministros das Finanças e da Instrução Pública.

São adquiridas três novas embarcações (2 «Skiffs» e 1 «Runner») às quais foram dadas os nomes de José Gomes, José Dias Monteiro e Artur de Oliveira Valença.

António Henriques Cardoso leva o Fluvial a fundar a secção de Andebol e a criação da Associação em 1932.

No dia 22 de Agosto de 1932, uma tragédia aconteceu. «Eram precisamente 16,30 horas, quando, no Posto Náutico onde apenas se encontravam o Fiel e o remador Laureano Barrosa (muitos outros já tinham saído) se registou uma tragédia: o prédio vizinho desabara sobre o Posto Náutico do Fluvial, arrastando na sua voragem, paredes, cabinas, balneários, destruindo-o completamente e esmagando a maioria das embarcações.

E muita sorte tiveram o Fiel e Laureano Barrosa!

Foi realmente uma tragédia. Mas as lágrimas dos fluvialistas secaram e os nervos de aço dos seus antepassados breve anularam os efeitos da emoção sofrida.

Em 1934, é, pela primeira vez, José António Diogo a assumir a presidência que mantém em 1935 e 1936, sendo o número de sócios, 592, 580 e 622.

O Fluvial, de colaboração com o Sport, realiza os campeonatos nacionais de Remo, com a assistência superior a 20 000 pessoas e venceu a principal regata conquistando a taça «1.ª Exposição Colonial Portuguesa».

David José de Pinho faleceu em 1935. Foi o último dos seus fundadores que o Fluvial perdeu. Havia — e há! — tanto para escrever sobre David José de Pinho!...

José Cabral de Matos, é o presidente em 1937 e Moisés Cardoso, que foi o presidente da Assembleia Geral em 1936, cedeu o lugar ao Almirante Alfredo Howell.

O Clube passa a ter 381 sócios.

Em 1938 e 1939, José António Diogo volta à presidência e o Clube conta com

410 sócios. Por iniciativa de António Henriques Cardoso, coadjuvado por Custódio Pereira e Laureano Barcelos da Silva Barrosa foi criada em Fevereiro de 1938 a secção de Veteranos e Amigos do Fluvial que teve depois a dirigi-la também José António Diogo, Dr. Luís Cardoso de Araújo, Ismael Guedes de Castro, Fernando Armelím Machado, Raimundo Paulo e Jaime da Costa Ferreira. Foi criada a secção de Tiro Reduzido.

Em 1939 o número de sócios era de 497.

Um novo presidente surge em 1940: Domingos de Almeida Soares e contam-se 497 sócios.

Por efeitos de propostas de Laureano Barrosa e António Henriques Cardoso, veio a ser criada a Comissão dos Veteranos e Amigos do Fluvial, cujas iniciativas — e tantas foram! — contribuíram para grandes convívios fluvialistas.

Armando Couto foi o presidente em 1941 com José Cabal de Matos na presidência da Assembleia Geral, 406 eram os sócios.

A Escola Comercial Oliveira Martins concedeu ao Fluvial o seu Diploma de Mérito.

#### E O TEMPO NÃO PARA...

De novo José António Diogo na presidência em 1942 e 1943, sendo 423 e 510 o número de associados.

Em 1944, surge Alípio Soares Pereira Dias na presidência da Direcção; José Cabral de Matos continua na da Assembleia Geral; António Henriques Cardoso, Jaime Ferreira, José Diogo, Moisés Santos, Américo Carvalho, Ernapolindo Simões, Newton Pereira e Diniz Silva, como dirigentes da Comissão de Veteranos e Amigos do Fluvial.

É ainda Alípio Soares Pereira Dias que preside em 1945, 1946, 1947 e 1948, e os sócios são, respectivamente, 608, 608, 558 e 684.

Em 1945, extingue-se a Comissão dos Veteranos e Amigos do Fluvial e uma outra Comissão organizadora é criada, formando-a Jaime Ferreira, Moisés Santos, Vítor de Castro, Manuel Pereira Pacheco, Amândio de Sousa e Ernatolindo Simões.

Em 1946 foram aprovados os regulamentos para as Medalhas de Mérito e Dedicção.

Neste ano, Fernando Armelím Machado e Moisés Santos apresentam uma publicação comemorativa do 70.º aniversário do Fluvial com pormenores da história do Clube e artigos inteiramente dedicados ao acontecimento.

Um dia grande, o de 14 de Novembro de 1948. Inaugurou-se o Posto Náutico e foram baptizadas duas novas embarcações com a presença de representantes dos ministros da Educação Nacional, Marinha e Obras Públicas.

Foram reatados os tradicionais passeios da família fluvialista pelo Rio Douro.

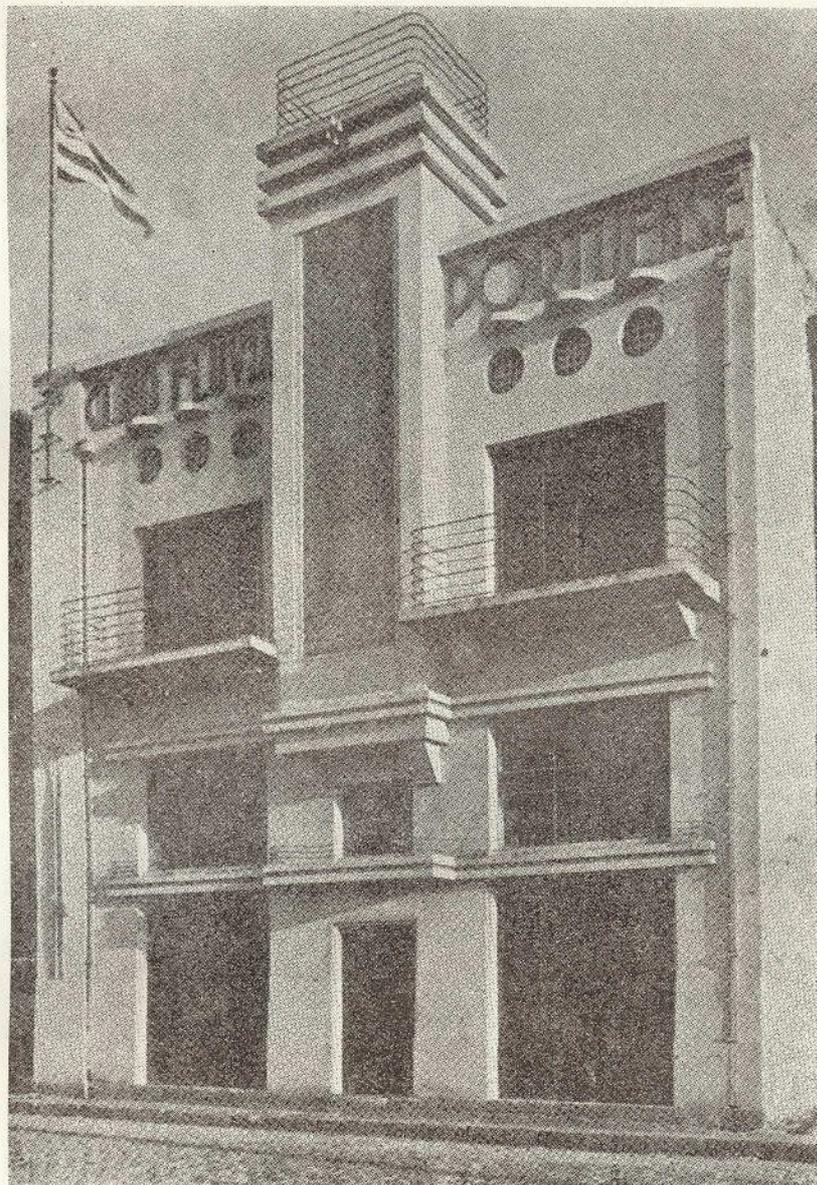
## INAUGURAÇÃO DO POSTO NÁUTICO

Mas o grande acontecimento foi a inauguração do Posto Náutico.

Que festa! Foguetes! Música! Sol! Até o Sol! O Povo, sobretudo o Povo da Ribeira,

casa, impressionando pelo seu garbo e compostura.

Maravilhosos discursos foram proferidos. É provável que um dia os possamos transcrever quando for possível apresentarem-se todos os pormenores da Vida do Clube Fluvial Portuense.



O Posto Náutico do nosso clube

estava alegre, feliz, feliz sim com o seu Fluvial.

Quando chegaram as entidades oficiais a Banda do Asilo do Terço executou o hino da Maria da Fonte. As sedes náuticas do Oporto Boat Club e do Sport Clube do Porto viam-se garridamente engalanadas numa interessante e significativa demonstração de amizade e desportivismo.

Remos ao alto, em continência aos que chegavam, remadores faziam as honras da

E uma lápida foi descerrada:

«Ao Governo da Nação  
À Direcção-Geral dos Desportos  
À Federação Portuguesa do Remo  
À Federação Portuguesa de Vela  
e a todos quantos ajudaram a construir  
este Posto Náutico.  
Reconhecidamente agradece o

*Clube Fluvial Portuense*